

Itacaranha quer mais ação da prefeitura

Foto: Fernando Amorim



CARÊNCIAS
 Transporte é deficiente e há muitas situações de risco à saúde

SYLVIA VERÔNICA

Situado entre Plataforma, Praia Grande e Escada, o subúrbio de Itacaranha conserva a tranquilidade de décadas atrás, quando era uma vila de pescadores muito concorrida como estação de veraneio. Hoje, suas ruas, como a Daniel Ferreira, Itaipu e Eunice Moreira, são apontadas pelos próprios moradores como locais onde a violência não chegou, apesar da proximidade de áreas com os maiores índices de criminalidade da cidade.

Do passado restam algumas casas abandonadas e a paisagem privilegiada de um dos mais belos trechos da Baía de Todos os Santos. A pesca é praticada por antigos e novos moradores, que, mesmo com a poluição, afirmam que há abundância de peixes, o que garante a sobrevivência de muitas famílias. O pequeno trecho de areia foi tomado por detritos e pelo esgoto que desemboca no local, mas a praia é opção de lazer para jovens.

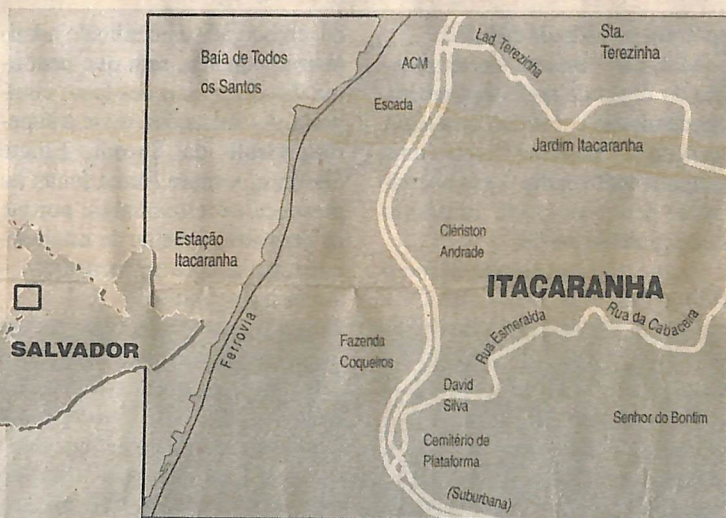
Moradores que chegaram ao bairro atraídos pela tranquilidade acham que, nos últimos anos, muito do sossego de Itacaranha foi perdido, sobretudo com o aumento do consumo de drogas. A estação ferroviária é um dos pontos de venda e consumo de drogas e onde acontece a maioria dos assaltos e outros crimes. Desde 1999, são esperados os benefícios anunciados com a recuperação da estação de trem. A Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) recebeu US\$ 11 milhões para a recuperação total da rede ferroviária.

"Muita gente prefere subir até a Avenida Suburbana e tomar um ônibus a ficar esperando pelo trem na estação. Depois que colocaram segurança nos trens e iluminação na via férrea, a situação melhorou um pouco, mas as pessoas ainda têm medo. O mato e o lixo nas vias de acesso à estação são esconderijos para marginais. Outro problema é que o trem não funciona aos domingos. Acho isso um absurdo. A gente não tem o direito ao transporte nos dias de lazer", reclamou Íris Bispo da Silva, 39 anos, comerciante e morador do bairro há 37 anos.



A vida pacata caracteriza o subúrbio, que no passado era uma aprazível estação de veraneio habitada por pescadores

ONDE FICA



Editoria de Arte/A TARDE

Mutirões

O mecânico Ulisses Melquias da Silva, 75 anos, vive há 23 anos em Itacaranha. Ele lembra que, quando comprou um dos lotes da Fazenda Coqueiro, que pertencia a um italiano conhecido como Rabelo, apenas quatro famílias tinham residência fixa no local. De lá para cá, Ulisses não viu mudanças significativas em sua rua. Como toda a comunidade, ele espera mais ação do poder público para solucionar antigas e novas carências do subúrbio.

"Um ponto negativo é que a prefeitura, em uma gestão passada, fez o calçamento da rua num nível mais elevado que o das casas. Isso fez com que nossas residências virassem um buraco e, quando chove, a água entra de enxurrada. O pessoal é muito unido aqui. Fazemos mutirões para consertar as ruas. Outro dia fecharam a rua com pneus para protestar contra a falta de infra-estrutura. Apesar dos problemas, é bom morar aqui por causa da beleza do mar e da tranquilidade", afirmou o mecânico.

Ameaça de deslizamento

Iniciado com a construção da Avenida Suburbana, em 1970, o Loteamento Jardim Itacaranha é carente de pavimentação. As ruas da Cachoeira, Luiz Lourenço, da Estação e da Rocinha ficam intransitáveis no período de chuvas por causa da lama. As ruas Caquende, Carneiro Ribeiro, Taquaral e Almeida Brandão também não têm calçamento, mas, dizem os moradores, nos registros da prefeitura, estão na lista das ruas pavimentadas.

Na Rua Eunice Moreira, os moradores não tinham preocupação com deslizamento de terra até o mês passado, quando foram reiniciadas as obras de construção da Praça Comunitária de Itacaranha, situada entre a Eunice Moreira e a Rua Palestina. A obra é promessa da prefeitura desde 1998. Com o desnível entre as duas ruas, a retirada de terra para a construção da praça provocou rachaduras no piso da Rua Eunice Moreira, na parte de cima, que ameaça ceder.

"O engenheiro da Codesal esteve aqui e garantiu que não corremos risco, mas a verdade é que o terreno cede mais um pouco a cada dia e não conseguimos dormir à noite com medo. Existem muitos idosos e pessoas com problemas de saúde aqui. Numa emergência, vai ser difícil deslocar essa

gente. Muitos dizem que a praça será um benefício para o bairro, mas acho que o espaço vai atrair marginais deste e de outros bairros e servir como ponto de consumo de drogas. Em vez de praça, deviam construir uma escola, que não temos, e uma creche, para que as mães possam trabalhar tendo onde deixar os filhos", disse a moradora Iraci Santos.

O recém-empossado presidente da Associação de Moradores de Itacaranha, Manoel M. de Castro, diz que a previsão é que a praça seja concluída em quatro meses. Criada em 1984, a associação ainda não tem sede própria e sua existência é ignorada por alguns.

"A falta de pavimentação é um dos maiores problemas do nosso bairro. Precisamos também de rondas policiais mais frequentes, mesmo porque não temos posto da polícia aqui. O posto de saúde funciona regularmente, mas a demanda ainda é grande e esperamos que o funcionamento seja ampliado para 24 horas por dia. Além do posto, só o Hospital João Batista Caribé. Na parte conhecida como Itacaranha de Cima, o comércio é mais desenvolvido, o acesso é mais fácil. É onde estão concentrados os mercados, farmácias, clínicas", disse Manoel de Castro.

Perigo na ida até a estação

Enquanto os moradores da parte alta têm mais facilidade no transporte para outras regiões da cidade, quem vive na parte baixa de Itacaranha, do lado do mar, corre risco ao sair de madrugada para trabalhar. No trajeto até a estação de trem são abordados por ladrões e, muitas vezes, sofrem agressões físicas.

Itacaranha é considerada área de risco pela Codesal, embora não tenham sido registradas ocorrências graves e com vítimas. Nas ruas sem pavimentação, como a Itaipu, as chuvas causaram, nos últimos anos, o surgimento de enormes crateras, que impediram o acesso de carros e pedestres. A população reclama do grande número de casos de doenças trazidas pela chuva, como a cólera, a leptospirose e a meningite.

A comunidade carente de Itacaranha conta com o apoio das irmãs da Casa de Retiro Madre Maria Oliveira, localizada na Rua Almeida Brandão, numa margem da linha do trem. O trabalho social, mantido pela congregação italiana Irmãs Filhas da Igreja, fundada há 66 anos, é desenvolvido há dez anos em Itacaranha e no vizinho Novos Alagados.

Além de reforço escolar, cursos de teatro, informática e música, as irmãs orientam as famílias, a maioria, segundo a irmã Maria Ferri, desestruturada e vítima do desemprego, de baixos salários, da fome e das drogas. "O mais comum são as meninas de 13 e 14 anos grávidas. Não há sequer espaço físico nos casebres para o convívio familiar, não há família. É muito triste a vida dessas pessoas, muitas estão doentes", disse a italiana Maria Ferri.

As sete freiras da Casa de Retiro não foram vítimas da violência, segundo eles, porque a população conhece o trabalho social que fazem e, por isso, são respeitadas. "À noite, aqui perto da praia, é muito deserto e perigoso. São muitas as histórias de homicídios, assaltos, uso e tráfico de drogas", revelou a freira Eli Maria do Nascimento.